

## Os Dois Conceitos Freudianos de *Trieb*<sup>1</sup>

Gilberto Gomes<sup>2</sup>  
Universidade Federal Fluminense

**RESUMO** - Discutem-se o sentido e a tradução de “Trieb” (pulsão, instinto) e analisam-se os conceitos de pulsões sexuais, de autoconservação, de vida e de morte, nas obras de Freud. Evidencia-se que as duas teorias freudianas das pulsões utilizam conceitos bem distintos sobre o que é pulsão. Na primeira, o conceito se define em função dos conceitos de fonte, pressão, objeto e alvo, que não se aplicam ao conceito da segunda. Esta não substitui totalmente aquela, mas a engloba. A partir de 1920, os mesmos termos (pulsão, sexual, libido) podem ser empregados em sentidos diferentes, segundo o contexto, dando margem a confusão.

**Palavras-chave:** pulsão; instinto; Freud, metapsicologia.

### The Two Freudian Concepts of *Trieb*

**ABSTRACT** - The meaning and translation of “Trieb” (drive, instinct) are discussed and the concepts of sexual drives, self-preservation drives, life drives and death drive, in Freud, are analyzed. It is shown that the two Freudian theories of the drives use quite different concepts regarding what a drive is. In the first, the concept is defined in terms of source, pressure, object and aim, which are not applicable to the concept of the second. The latter does not fully replace the former, but includes it. After 1920, the same terms (drive, sexual, libido) are employed in different senses, which generates confusion.

**Key words:** drive; instinct; Freud; metapsychology.

O objetivo deste trabalho é rastrear, na obra freudiana, o conceito de “Trieb” (geralmente traduzido, ou como “pulsão”, ou como “instinto”), desfazendo alguns equívocos freqüentes e explorando suas articulações teóricas. É bem sabido que há, na obra de Freud, duas teorias sobre as pulsões. Um dos pontos importantes de nossa análise será o de mostrar que cada uma dessas teorias utiliza um conceito diferente de pulsão. O que muda não é apenas a concepção sobre quais são as pulsões fundamentais (pulsões sexuais e de autopreservação, na primeira teoria, e pulsões de vida e de morte, na segunda). Também se altera a própria concepção do que é uma pulsão. Na primeira teoria, a pulsão se define em função de quatro outros conceitos (fonte, alvo, objeto e pressão), que, como veremos, não se aplicam ao conceito da segunda teoria. O mesmo termo designa, em cada teoria, um objeto conceitual distinto.

Outro ponto importante é que a segunda teoria não substitui inteiramente a primeira, mas a engloba, com algumas alterações. Isto também é fonte de confusão, pois, a partir de 1920, o mesmo termo pode ser empregado em sentidos diferentes, segundo o contexto.

### Os Significados da Palavra “Trieb”

A palavra “Trieb”, na língua alemã, pode ser usada em vários sentidos. Um deles, pouco conhecido em nosso meio, é como sinônimo perfeito de “Instinkt”. É freqüente, em textos de biologia, “Trieb” e “Instinkt” serem usados de forma intercambiável, em referência aos instintos dos animais. Este uso, em que “Trieb” e “Instinkt” são sinônimos, também não é totalmente estranho a Freud (embora, em geral, ele os empregue em sentido diferente). Em “Psicologia das Massas e Análise do Eu”, Freud discute o conceito, do autor inglês Trotter, de “herd instinct” (instinto gregário ou, literalmente, “instinto do rebanho”) e ora ele o traduz por “Herdentrieb” (“pulsão do rebanho”), ora por “Herdeninstinkt” (“instinto do rebanho”), sem nenhuma distinção (Freud, 1921/1982, cap. IX, pp. 109-113). Em certo ponto, ele escreve: “Trotter dá a lista de pulsões (ou instintos) [Triebe (oder Instinkte)] que considera primárias: as de auto-preservação, de nutrição, a sexual e a gregária.”<sup>3</sup> Note-se que, se ele achasse descabida a tradução de “instinct” por “Trieb”, ele poderia ter usado apenas a palavra “Instinkt”.

Em física e engenharia, “Trieb” é usado no termo “Triebkraft”, que significa força motriz, ou seja, a força que impulsiona uma máquina ou sistema. Lembremos que foi uma das grandes descobertas da termodinâmica que a energia não surge do nada, ou seja, que se algo acontece, é preciso que a energia usada nesse processo tenha vindo de alguma fonte; ou seja, que tenha havido algum *Trieb*.

1 O autor tem apoio financeiro do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Uma versão preliminar deste trabalho, intitulada “O conceito freudiano de pulsão”, foi apresentada no II Fórum Brasileiro de Psicanálise, realizado no Rio de Janeiro em 1991, sendo transcrita nos anais do encontro, publicados sob o título *A psicanálise e seus destinos*.

2 Endereço: R. Lopes Quintas 100-605-I, CEP: 22460-010 Rio de Janeiro. E-mail: ggomes@alternex.com.br

3 As citações de Freud foram traduzidas por mim, a partir das fontes citadas.

A palavra “Trieb” foi também usada pelo filósofo idealista alemão Fichte (1794/1990, 3ª parte, §7, p. 151), no século XVIII, no sentido de um impulso que se produz a si mesmo (ao nível da consciência). Sentido bastante oposto ao anterior, portanto. Como veremos, este sentido é também bastante oposto ao que lhe dá Freud.

Na linguagem corrente, o radical “Trieb” e o verbo “treiben” são usados em referência a algo que impulsiona ou puxa alguém ou alguma coisa. Um veículo, por exemplo, é “angetrieben” por seu motor. “Triebwagen” significa locomotiva. Se dizemos que uma pessoa fez algo obedecendo a um impulso interno, podemos dizer, em alemão: “er folgte einen inneren Trieb”. A expressão “seine Triebe beherrschen” significa dominar seus instintos, ou seus impulsos.

Vejamos a definição de “Trieb”, dada por um dicionário alemão: “impulso interno [dirigido pelo instinto], que visa à satisfação de necessidades fortes e muitas vezes indispensáveis à vida” (Duden/Langenscheidt, 1986, p. 373, minha tradução). O uso dos colchetes, nesta definição, mostra que esse impulso interno, indicado pela palavra “Trieb”, pode ser concebido, ou não, como guiado por um instinto. “Instinkt” não é usado aqui, portanto, como sinônimo de “Trieb”, mas também não se coloca em oposição a ele.

### Freud e a Tradução de “Trieb” por “Instinct”

Em relação ao seu próprio conceito de “Trieb”, Freud nunca usou a palavra “Instinkt” como alternativa ou sinônimo. Nas ocasiões em que ele usa a palavra “Instinkt”, é num sentido que pode ser diferenciado de seus dois conceitos de “Trieb”.

Por outro lado, Freud, embora tenha opinado sobre a tradução de outros termos de sua teoria, nunca fez qualquer objeção às traduções de “Trieb”, em suas obras, por “instinct”, em inglês e francês, embora conhecesse muito bem essas línguas; nem a “instinto”, em espanhol.

Numa carta a Claparède, de 1921 (citada em Freud, 1910/1957, p. 214, nota), Freud cita um trecho da introdução escrita por Claparède para a tradução de “Sobre a Psicanálise”, de Freud: “L’instinct sexuel est le mobile de toutes les manifestations de l’activité psychique.” Traduzindo: “O instinto sexual é o motivo de todas as manifestações da atividade psíquica.” Corresponde esta afirmação de Claparède ao pensamento de Freud? Em caso negativo, por que? De fato, o que incomodou Freud nesta afirmação não foi o uso da palavra “instinct”. O que ele critica em sua carta é o fato de ela atribuir um pan-sexualismo à sua teoria, e contra isto ele reafirma sua antiga distinção entre pulsões sexuais e pulsões do eu.

### Os dois componentes semânticos principais do termo “instinto”

No uso tanto corrente quanto científico da palavra “instinto” e seus correspondentes (“instinct”, etc.), nas línguas latinas e também no inglês, podemos distinguir dois componentes semânticos principais. O primeiro prende-se ao sen-

tido de *impulso*. O instinto, neste sentido, tem a ver com uma força motivadora que se opõe à razão e à reflexão. Na linguagem corrente, diz-se, por exemplo, que uma pessoa agiu “por instinto”, no caso de ela ter agido impulsivamente, sem pensar.

O segundo componente semântico prende-se ao sentido de um comportamento, conhecimento ou valor afetivo inato, dado pela hereditariedade, em oposição ao que deriva da experiência individual. Neste sentido, fala-se, por exemplo, no medo *instintivo* de certos objetos ou situações ou na capacidade *instintiva* de realizar um certo comportamento, independente de qualquer aprendizagem.

O primeiro destes dois componentes semânticos é o que mais se aproxima da palavra germânica “Trieb”, e que justifica que ela tenha sido usada como tradução para “instinct” e seus correspondentes, e como sinônimo da forma germanizada “Instinkt”.

Já o segundo componente semântico pode estar presente ou não no uso da palavra “Trieb”. No conceito freudiano de “Trieb”, ele certamente *não* está presente, o que faz que sua tradução por “instinto”, embora possível, não seja recomendada.

### O Uso da Palavra “Instinkt”, em Freud

Todas as vezes em que Freud usa a palavra “Instinkt” (que são poucas), ele está se referindo a um conhecimento ou significado inato, dado pela hereditariedade, em oposição a um conhecimento ou significado dado pela experiência individual. Por exemplo, o que está presente nas migrações de pássaros e peixes (na Conferência 32 da “Nova Série das Conferências de Introdução à Psicanálise”, Freud, 1933/1964, p. 106). É interessante observar que, nesta mesma passagem, estes instintos são vistos como uma manifestação da natureza conservadora das pulsões (no sentido mais amplo, da segunda teoria).

Outro exemplo é a referência que Freud faz ao reconhecimento instintivo que têm os animais de certas situações externas ameaçadoras (Freud, 1926/1959, p. 168). Ainda, em “O Homem Moisés e a Religião Monoteísta: Três Ensaios”, Freud escreve: “Constatamos que, em certo número de importantes relações, nossas crianças reagem, não de maneira correspondente à sua própria experiência, mas instintivamente, como os animais, de um modo só explicável como aquisição filogenética” (Freud, 1939/1964, p. 132-133).<sup>4</sup>

O segundo dos componentes semânticos apontados acima é o que está presente, portanto, no uso de Freud da palavra “Instinkt”. Ou seja, o que está em jogo, aqui, não é a questão do impulso e da busca da satisfação, mas a questão da experiência individual versus hereditariedade (experiência da espécie).

Entretanto, “Instinkt” é, em Freud, apenas uma palavra que ele utiliza em algumas poucas ocasiões, sempre com

4 Ver também Freud, 1939/1964, p. 100; 1915/1982b, p. 154; e 1918/1955, p. 120.

este sentido, mas sem dar nenhum desenvolvimento teórico ao conceito. O fato de tê-la usado assim, além disso, não significa que esse segundo componente semântico seja necessariamente dominante, no uso da palavra “Instinkt”. Exner, por exemplo, que foi professor de Freud, utilizou o termo no sentido de um impulso, cujo objeto não é determinado pela hereditariedade, mas sim pela experiência individual (Amacher, 1965, p. 51). Além disso, o próprio Freud, como já vimos, admitia “instinct”, em inglês e francês, no sentido de “Trieb”.

### A Tradução da Palavra “Trieb”

Uma tradução aceitável para a palavra “Trieb”, em português, inclusive no uso que Freud faz dela, seria “impulso”. Ela teria a vantagem de ser uma palavra de uso corrente, adequando-se assim à sugestão de Bruno Bettelheim (1982), de que se deve evitar os neologismos ou as palavras eruditas ao traduzir termos que Freud retirou da linguagem corrente, e que fazem um sentido imediato para o leitor. A correspondência semântica entre “Trieb” e “impulso” é bastante grande, e “impulso” parece servir para todas as acepções de “Trieb” que analisamos. Tem, entretanto, a desvantagem de não ter necessariamente uma conotação relacionada à idéia freudiana de uma fonte somática. Além disso, sobretudo na forma adjetiva “impulsivo”, tem a conotação de algo irrefletido e que leva a uma reação imediata, o que não se aplica a todos os derivados da pulsão, especialmente aos que correspondem a um processo de sublimação. Assim, parece ser mais conveniente o emprego do neologismo “pulsão”, já consagrado em psicanálise, que tem a vantagem de poder se revestir melhor das conotações específicas do termo freudiano. Esta tradução, certamente, também deve ser preferida a “instinto”.

O termo “pulsão” foi adotado, em português, a partir do francês, no qual “pulsion” era um arcaísmo, que foi revivido pela psicanálise. Este termo substituiu quase completamente a palavra “instinct”, usada nas traduções francesas mais antigas.

Em inglês, “drive” foi proposto como a tradução mais próxima de “Trieb”, derivando inclusive da mesma raiz etimológica. No entanto, a tradução mais freqüente, em inglês, é ainda “instinct”.

### A Primeira Teoria das Pulsões

O termo “pulsão” (“Trieb”) aparece em Freud, pela primeira vez, no “Projeto” de 1895 (e não em 1905, nos “Três Ensaios sobre a Teoria Sexual”, como afirmam Laplanche e Pontalis, 1967/1970, p. 507). No “Projeto”, Freud ([1895]/1975, parte I, item 10, pp. 324-325) propõe a idéia de que o sistema psi está exposto a quantidades de excitação provenientes do interior do corpo (os estímulos endógenos) “e nisto se encontra a mola pulsional [Triebfeder] do mecanismo psíquico”. A vontade (“Wille”), diz ele, é “o derivado das pulsões [Triebe]”.

Nos “Três Ensaios sobre a Teoria Sexual”, partindo da análise das inversões e das perversões, Freud (1905/1953) mostra como o objeto da pulsão sexual é contingente e como seus alvos são vários. Neste texto, ele expressa, na mesma linha do “Projeto”, a suposição de que surge dos órgãos somáticos (“zonas erógenas”) um tipo específico de excitação, a sexual (1º Ensaio, parte 5). A pulsão sexual, portanto, se compõe de várias *pulsões parciais* (“Partialtriebe”; na tradução inglesa, “component instincts”). Estas definem-se por suas fontes e seus alvos e incluem, notadamente, as pulsões oral, anal e fálica, mas também a pulsão de ver e a pulsão sádica.

É em 1915, em “Pulsões e Destinos das Pulsões”, que Freud (1915/1982a) expõe sistematicamente esta sua primeira teoria das pulsões. Situa a pulsão “como um conceito de fronteira entre o psíquico e o somático” (p. 85). Ser de fronteira não implica aqui em qualquer indefinição. Significa simplesmente que se trata de uma estimulação que vem do somático e atinge o psíquico, atravessando portanto a fronteira entre o soma e o aparelho psíquico.

Quatro conceitos auxiliares servem para caracterizar o primeiro conceito freudiano de pulsão: fonte, pressão, alvo e objeto. A *fonte* (“Quelle”) da pulsão é o processo somático que dá origem à pulsão. O *alvo* (“Ziel”, também traduzido como finalidade, fim, objetivo ou meta) é a suspensão da estimulação na fonte, mas também são alvos as etapas intermediárias que possam levar a este alvo último. Existe, portanto, uma *satisfação da pulsão* (“Triebbefriedigung”), ainda que parcial, a qual Freud define como sendo exatamente esta suspensão do estado de estimulação na fonte somática.

O *objeto* da pulsão é “aquilo junto a que, ou através de que, a pulsão pode atingir seu alvo”. É variável, e não está originalmente ligado à pulsão. O objeto “é coordenado à pulsão em consequência de sua aptidão à tornar possível a satisfação” (Freud, 1915/1982a, p. 86). Ele é, portanto, *contingente*, mas esta contingência não significa indeterminação, pois o objeto será determinado, exatamente, por “sua aptidão” (e poderíamos acrescentar aqui: real ou fantasiosa) “a tornar possível a satisfação”.

Esta variabilidade e contingência dos objetos e alvos das pulsões, especialmente em relação às pulsões sexuais, é da maior importância para diferenciar a concepção freudiana da pulsão de outras concepções, que se baseiam no conceito de instinto como obedecendo a uma determinação hereditária fixa do objeto e do alvo.

A *pressão* (“Drang”), finalmente, é a soma de força ou a medida da exigência de trabalho. Pois a estimulação que vem do soma e atinge o aparelho psíquico impõe a este uma *exigência de trabalho psíquico*, ou seja, este terá de trabalhar psicologicamente para achar os meios de livrar-se dessa pressão e buscar obter, no corpo (fonte), a satisfação.

Há uma certa ambigüidade no uso do termo “objeto”. Freud especifica que ele pode ser um objeto externo, ou uma parte do próprio corpo. Mas, obviamente, o termo também é usado para a *representação psíquica* desse objeto externo, ou dessa parte do corpo; ou ainda, para representações forçadas pela fantasia.

## Pulsões sexuais e pulsões de autoconservação

Para Freud, não existe *a* pulsão, mas sim *as* pulsões, que ele reúne em dois grupos: as pulsões de autoconservação (ou pulsões do eu) e as pulsões sexuais.

Das pulsões sexuais ele diz que são numerosas, surgem de diversas fontes orgânicas e atuam a princípio independentemente umas das outras. Seu alvo é o prazer do órgão (“Organlust”).

“A princípio, apóiam-se nas pulsões de [auto]conservação; seguem, para encontrar um objeto,<sup>5</sup> os caminhos indicados por [estas]” (Freud, 1915/1982a, p. 89). Este é o conceito de *apoio* (“Anlehnung”, também traduzido pelo neologismo “anáclise”). Observe-se que Freud nunca falou de apoio de uma pulsão (“Trieb”) sobre um instinto (“Instinkt”). O que ele fala é de apoio de uma pulsão sexual (“Sexualtrieb”) sobre uma pulsão de autoconservação (“Selbsterhaltungstrieb”).

“Uma parte [das pulsões sexuais] permanece ligada às pulsões [de autoconservação], dando-lhes componentes libidinais” (Freud, 1915/1982a, p. 89). Assim, quando uma pessoa come, devemos distinguir, conceitualmente, a pulsão alimentar (de autoconservação), cujo alvo é a ingestão de alimento, e a pulsão oral (sexual), cujo alvo é o prazer da zona erógena oral.

Ao contrário do que alguns pensam, as forças que visam à autoconservação (ou autopreservação) são, para Freud, como já vimos, *pulsões* (“Triebe”). E isto ao longo de toda a sua obra. Freud fala em *pulsões* de autoconservação, nunca em *instintos* de autoconservação. Para ele, a fome e a sede são pulsões. Freud também nunca deixou de considerar que existam pulsões de autoconservação. Ele não trata delas em profundidade, e nunca foi muito explícito em relação a quais as pulsões que deveriam ser incluídas neste grupo. (Nem se deveria talvez esperar que o fizesse, visto não serem objeto da psicanálise.) Entretanto, ele nunca deixa de considerá-las. Na sua última formulação, as pulsões de autoconservação figuram, ao lado das pulsões sexuais, dentro do grupo das pulsões de vida (“Lebenstrieb”).

Considerar tanto a sexualidade quanto a busca da autoconservação como pulsões não significa uniformizá-las ou equipará-las. Freud as diferencia, assinalando que a ligação das pulsões de autoconservação aos objetos externos, e portanto, ao princípio da realidade, é muito mais forte, ficando as pulsões sexuais, devido ao seu longo e complexo desenvolvimento, muito mais sujeitas ao puro princípio do prazer e ao registro da fantasia (Freud, 1917/1963, pp. 355-357).

Freud também chama as pulsões de autoconservação de pulsões do eu (ou pulsões do ego, “Ichtriebe”). Este uso da palavra “eu” deve ser diferenciado do conceito de “eu” como instância do aparelho psíquico, assim como do “eu” como representação da própria pessoa. Como observava Carlos Paes de Barros (comunicação pessoal, 23/06/1981), o “eu”, aqui, refere-se ao indivíduo, em oposição à espécie. Note-se que, em certo ponto, Freud (1915/1982a, p. 101) usa a expres-

são “Triebe der Icherhaltung” (pulsões de conservação do eu) como equivalente das expressões habituais “Selbsterhaltungstriebe” (pulsões de autoconservação) e “Ichtriebe” (pulsões do eu).

Pulsões do eu, portanto, são pulsões que visam à conservação de si mesmo, e não à reprodução. Já as pulsões sexuais, embora nem sempre estejam diretamente atreladas à reprodução, visam, *em última análise*, à conservação da espécie.<sup>6</sup> É a oposição entre os interesses do indivíduo e os interesses da espécie, portanto, que se reflete na oposição entre pulsões do eu e pulsões sexuais.<sup>7</sup>

Assim, deve-se observar a distinção entre pulsões do eu e investimento libidinal do eu. Este último refere-se ao investimento, pelas pulsões sexuais, da representação da própria pessoa ou de uma parte de seu próprio corpo. Já as pulsões do eu, além de não se confundirem com as pulsões sexuais, levam em geral ao investimento de um objeto, e não da representação da própria pessoa ou de parte do próprio corpo (Freud, 1915/1982a, p. 97, nota).

## Pulsão sádica e pulsão de domínio

Alguma coisa deve ser dita sobre as pulsões agressivas, no quadro da primeira teoria das pulsões. Em primeiro lugar, temos, desde os “Três Ensaio”, o sadismo como pulsão parcial sexual (Freud, 1905/1953, pp.192-193). Freud chega a arriscar a especificação da fonte dessa pulsão, que estaria no aparelho muscular.

Há uma certa indefinição no uso dos termos “pulsão sádica” e “pulsão de domínio” (“Bemächtigungstrieb”). Em “Pulsões e Destinos das Pulsões”, Freud (1915/1982a, p. 91) afirma que os alvos originais da pulsão sádica são os de dominar e humilhar, não incluindo o de infligir dor. Neste estágio, ela seria mais propriamente, portanto, pulsão de domínio. Só a partir da inclusão do masoquismo, presente no sadismo através da identificação ao objeto, é que o alvo de infligir dor surge também. Sabemos também que, desde os “Três Ensaio”, Freud (1905/1953, p. 204) considera a dor como uma possível fonte de excitação sexual.

Não fica claro se a pulsão de domínio (pura, sem o alvo sádico de infligir dor) deveria ser considerada como sexual ou não. Numa frase de 1905, nos “Três Ensaio”, modificada na edição de 1915, Freud (1905/1953, p. 193, nota) chega a dizer que suas fontes seriam de fato independentes da sexualidade.

Assim, podemos também pensar na pulsão agressiva (enquanto pulsão de domínio) como pulsão de autoconservação, embora profundamente fusionada às pulsões sexuais.

Em “Pulsões e Destinos das Pulsões”, falando do ódio, Freud (1915/1982a, p. 100) escreve: “De fato, pode-se afir-

5 No original, “bei der Objektfindung”.

6 “Só depois de consumada a síntese [das pulsões sexuais] é que [estas] entram a serviço da *função reprodutiva*...” (Freud, 1915/1982a, p. 89).

7 No “Esboço da Psicanálise”, Freud (1938/1941, p. 71) chama a pulsão sexual de “pulsão de conservação da espécie” (“Arterhaltungstrieb”), em oposição à “pulsão de conservação de si mesmo” (“Selbsterhaltungstrieb”).

mar que os verdadeiros protótipos da relação de ódio derivam não da vida sexual, mas da luta do eu por sua conservação...” Afirma ainda (p. 99): “se o objeto for fonte de sentimentos de desprazer, haverá uma tendência a aumentar a distância entre ele e o eu (...). Sentimos a repulsa [“Abstossung”] do objeto e o odiamos”.

Freud está falando aqui de uma força que é o oposto do desejo, derivada da “contrapartida da vivência primária de satisfação”, como ele diz no capítulo 7 da “Interpretação dos Sonhos” (Freud, 1900/1982, p. 569): a busca do afastamento do objeto, do desinvestimento do objeto, por este ser um objeto hostil. (A este propósito, ver também os itens 12 e 13 da Parte I do “Projeto”, Freud, [1895]/1975.) Mais adiante (em “Pulsões e Destinos das Pulsões”), ele escreve: “O ódio, (...) como expressão da reação de desprazer provocada pelos objetos, permanece em íntima relação com as pulsões de conservação do eu” (Freud 1915/1982a, p. 101). A antítese entre amor e ódio corresponderia então à antítese entre pulsões sexuais e pulsões do eu.

Nesta colocação, que aproxima a repulsa das pulsões de autoconservação, podemos entretanto discernir o uso do termo pulsão num sentido mais amplo, pois, em sentido estrito, a pulsão (dentro da primeira teoria) só pode gerar desejo, e não repulsa. Lembremos: a pulsão tem como fonte uma excitação proveniente do corpo, manifesta-se no aparelho psíquico como uma pressão que busca descarga, o que leva a buscar investir a representação de um objeto e a buscar percebê-lo, para poder realizar, junto a este objeto, o alvo que proporcionará uma satisfação. A repulsa, ao contrário, não deriva de uma vivência de satisfação, mas de uma vivência de dor (Freud, [1895]/1975, p. 327) ou de susto (em alemão, “Schreck”, Freud, 1900/1982, p. 569).

Assim, se formos ver a agressividade como expressão de uma pulsão, neste sentido estrito, tendo como fonte uma excitação proveniente do aparelho muscular, ela buscará investir a representação do objeto e aproximá-lo do eu, para a realização, real ou na fantasia, do alvo agressivo ou de domínio.

Já a repulsa corresponde à busca do desinvestimento de um objeto, o que torna difícil vê-la como manifestação de uma pulsão, no sentido da primeira teoria das pulsões.

## O Segundo Conceito de Pulsão

A partir de “Além do Princípio do Prazer”, de 1920, surge não só uma nova teoria das pulsões, mas um novo conceito de pulsão. As pulsões – pulsão de vida e pulsão de morte – passam a ser princípios gerais que regem o funcionamento, não só da vida psíquica, mas de toda a vida orgânica, presentes nos animais, nas plantas e nos organismos unicelulares. A pulsão de vida é concebida como a tendência à formação de unidades maiores, à aproximação e à unificação entre as partes dos seres vivos. A pulsão de morte, ao contrário, é vista como a tendência à separação, à destruição e, em última análise, à volta ao estado inorgânico. O conceito de pulsão, aqui, é portanto muito mais amplo. Ao invés de uma exigência de trabalho feita pelo soma ao aparelho psíquico, temos duas tendências gerais que se aplicam a toda a matéria viva. Freud

chega a supor que as pulsões de vida e de morte nada mais sejam que o reflexo, no reino do orgânico, das forças de atração e repulsão presentes no mundo inorgânico. As pulsões que se manifestam na vida psíquica passam a ser vistas como resultado da ação confluyente ou antagônica destas duas tendências, que emanam do nível do biológico.

Qual a fonte da pulsão de morte? A pergunta, aparentemente legítima, revela o equívoco de aplicar o primeiro conceito à segunda teoria. O conceito de fonte da pulsão faz parte do primeiro conceito de pulsão (como exigência de trabalho feita ao aparelho psíquico pelos estímulos provenientes do interior do corpo) e não se aplica à pulsão de morte (uma tendência geral da vida orgânica) – nem, estritamente falando, à pulsão de vida (enquanto tendência à unificação).

## A evolução dos argumentos em “Além do Princípio do Prazer”

A forma como foi redigido o “Além do Princípio do Prazer” se presta a todo tipo de mal-entendidos. Nele, Freud apresenta toda uma seqüência de raciocínio, com argumentos e contra-argumentos, mudando de opinião várias vezes ao longo da exposição.

Partindo da idéia de uma compulsão de repetição, Freud propõe a concepção de que toda pulsão seria uma tendência ao restabelecimento de um estado anterior. Como o estado anterior à própria vida é o estado inorgânico, as pulsões buscariam, em última análise, a volta a este estado. O alvo da vida seria então a morte, e as próprias pulsões de autoconservação, que parecem se opor à morte, seriam, na verdade, “pulsões parciais para assegurar ao organismo seu próprio caminho para a morte” (Freud, 1920/1982, p. 248-249). Caminho este que teria sido escrito pelas influências externas que atuaram sobre o curso da vida dos organismos mais antigos, e cuja repetição seria buscada pelas pulsões conservadoras (p. 247-248).

Neste trecho é que se poderia encontrar, em Freud, apoio para a afirmação de que toda pulsão é pulsão de morte.

Entretanto, imediatamente em seguida, Freud escreve: “Mas refletamos, não pode ser assim!” Afirma então que as pulsões sexuais não se adequam a esta concepção da pulsão. Propõe, conseqüentemente, uma dualidade que opõe as pulsões sexuais, que buscam a vida, e as outras pulsões, que tenderiam à morte. Neste ponto, as pulsões de autoconservação ficam ainda do lado da pulsão de morte.

Depois disso, muda novamente sua posição, incluindo também as pulsões de autoconservação no grupo das pulsões de vida (Eros). Diz ainda que a pulsão de morte é silenciosa, que não se mostra à percepção interna. Teríamos uma manifestação dela, se bem que deslocada, na pulsão destrutiva. (A destruição do outro seria buscada no lugar da própria morte.)

## A primeira teoria dentro da segunda

O surgimento da segunda teoria das pulsões, que, como vimos, baseia-se num novo conceito de pulsão, não implica,

no entanto, numa rejeição ou abandono da teoria anterior. Em alguns pontos, sem dúvida, especialmente em relação às pulsões agressivas, esta é significativamente transformada. Mas o quadro geral da *pulsão sexual* como uma *exigência de trabalho* feita ao aparelho psíquico, a partir da estimulação proveniente de *fontes* somáticas, provocando uma *pressão* que busca descarga, envolvendo *objetos*, em sua busca de atingir o *alvo* da *satisfação*, e dando origem, portanto, ao *desejo*, todo esse quadro se mantém após a introdução da nova teoria.

No terceiro capítulo do “Esboço da Psicanálise”, de 1938, por exemplo, Freud retoma a análise do desenvolvimento da função sexual em linhas bem semelhantes às dos “Três Ensaaios” (1905) e de “Pulsões e Destinos das Pulsões” (1915).

Especialmente elucidativa em relação a isso é a seguinte passagem do “Esboço” (cap. 8):

*Neste isso operam as pulsões orgânicas, elas mesmas compostas de misturas das duas forças originárias (Eros e destruição), em proporções variadas, e diferenciadas entre si por suas relações com órgãos ou sistemas de órgãos. A única aspiração dessas pulsões é pela satisfação, que é esperada de alterações específicas nos órgãos, com a ajuda de objetos do mundo externo.* (Freud, 1938/1941, p. 128)

Vemos, aqui, como Freud articula a primeira teoria à segunda. É interessante assinalar, ainda, que para fazer esta articulação, Freud reserva o termo *pulsão*, nesta passagem, para o conceito da primeira teoria, usando a expressão “forças originárias” para as pulsões da segunda teoria.

Citemos ainda que, numa nota de “Psicologia das Massas”, Freud (1921/1982, p. 96, nota) refere-se à oposição entre pulsões de vida e de morte e diz que as pulsões sexuais são “os representantes mais puros (...) das pulsões de vida”. Creio que devemos entender isto em dois sentidos. Primeiro, que há sempre um certo grau de mistura entre as pulsões de vida e de morte. Segundo, que o conceito de pulsões sexuais não se identifica, aqui, ao de pulsões de vida, já que aquelas são *representantes* destas. Há, portanto, outras pulsões, além das sexuais, no grupo das pulsões de vida (com um grau maior de mistura à pulsão de morte).

### A ambigüidade dos termos “sexual” e “libido” a partir da segunda teoria

Vimos que, na segunda teoria, Freud inclui as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação no grupo das pulsões de vida (Eros). Entretanto, Freud às vezes utiliza, também, para as pulsões de vida em geral, os termos “pulsões sexuais” e “libido”, o que, sem dúvida, pode confundir o leitor. (Cf., por exemplo, Freud, 1920/1982, p. 269, nota; 1923/1955, p. 258). Faz, assim, uma nova extensão do conceito de sexual. “Libido”, que na primeira teoria designava especificamente a energia da pulsão sexual, passa a ser usada genericamente como equivalente de “pulsão de vida”.

Esta extensão não elimina, entretanto, a especificidade do sexual, no sentido mais restrito (que já é, ele próprio, uma extensão do conceito de sexual da linguagem corrente), pois, como ele diz no cap. 2 do “Esboço”, “o contraste

entre a pulsão de autoconservação [‘Selbsterhaltungstrieb’] e a pulsão de conservação da espécie [‘Arterhaltungstrieb’] (...) fica ainda dentro de Eros” (Freud, 1938/1941, p. 71).

Esta especificidade do sexual (no sentido da primeira teoria), dentro do campo de Eros, é reafirmada, por exemplo, num acréscimo aos “Três Ensaaios” (3º ensaio, parte 3), publicado em 1920, ou seja, no mesmo ano em que Freud publica sua nova teoria:

*Seria (...) sacrificar tudo que ganhamos, até aqui, pela observação psicanalítica, se fôssemos seguir o exemplo de C. G. Jung, e diluir o sentido do próprio conceito de libido, equacionando-o à força pulsional psíquica em geral. A distinção das moções pulsionais sexuais das restantes, e a conseqüente restrição do conceito de libido às primeiras, recebe forte apoio da admissão (...) de que há uma química especial da função sexual.* (Em Freud, 1905/1953, p. 218)

Temos, portanto, dois conceitos de libido, um mais restrito, ligado à *função sexual* (com todas as suas pulsões parciais), e outro mais amplo, ligado ao conceito de pulsão de vida. E é interessante que o segundo não substitui o primeiro, mas coexiste com ele no pensamento freudiano.

### Mau Historiador de sua Própria Teoria

Em 1920, em “Além do Princípio do Prazer” (Freud, 1920/1982, pp. 261 e 269, nota), e novamente em 1923, num artigo de enciclopédia (Freud, 1923/1955, pp. 52 e 61), ao historiar o desenvolvimento da teoria da libido, Freud afirma que a introdução do conceito de narcisismo (investimento do eu pela libido) teria desfeito a oposição entre pulsões do eu (como ele também chamava as pulsões de autoconservação – ver acima) e pulsões sexuais. Inquestionavelmente, ele se mostra aqui, entretanto, um mau historiador de sua própria teoria, pois no texto “Para a Introdução do Narcisismo” (Freud, 1914/1982, parte I, pp. 41-48), assim como na Conferência 26, de 1917, intitulada “Teoria da Libido e Narcisismo” (Freud, 1917/1963, pp. 412-414 e 430), ele defende explicitamente a manutenção desta distinção, e da conseqüente distinção entre pulsões do eu (ou de autoconservação) e investimento libidinal do eu (pela pulsão sexual). E várias vezes, depois disso, reafirma o conceito de pulsões do eu (ou de autoconservação).

Qual a razão deste equívoco? À luz da análise que fizemos, fica claro que, ao assumir a posição de comentarista de seu próprio trabalho teórico anterior, Freud mistura e confunde os dois conceitos de pulsão. Quando ele afirma, em 1920, que a “libido narcísica (...) tinha que ser identificada às pulsões de autoconservação” (Freud, 1920/1982, p. 261), e em 1923, que o narcisismo mostrou que “as pulsões de autoconservação eram também de natureza libidinal” (Freud, 1923/1955, p. 257), ele já está pensando em termos de seu *novo conceito de libido*, ou seja, *libido como pulsão de vida*.

O uso da mesma palavra para dois conceitos diferentes é a origem da confusão. O que ele diz ter sido mostrado pela introdução do conceito de narcisismo (que é de 1914), só foi de fato afirmado a partir de 1920, ou seja, a partir do novo

conceito de pulsão sexual. De fato, em 1917, por exemplo, ele afirmava (Freud, 1917/1963):

*Nosso direito de separar as pulsões do eu das sexuais não pode, sem dúvida ser abalado (...).* (p. 412)

*Também é óbvio que lucraremos muito pouco se, seguindo o exemplo de Jung, insistirmos na unidade original de todas as pulsões e dermos o nome de ‘libido’ à energia manifesta em todas elas.* (p. 413)

*Como seria, contudo, se o que é responsável pelo afeto de angústia fosse não as pulsões do eu egoístas mas a libido do eu?* (p. 430)

Só a partir da introdução do novo conceito de libido como pulsão de vida é que faz sentido dizer que as pulsões de autoconservação são também de natureza libidinal.

## O Dualismo das Teorias

### Pulsionais e sua Relação com o Biológico

Ambas as teorias da pulsão propostas por Freud são dualistas, no sentido de que ele sempre opõe dois grupos de pulsões e tenta ver o conflito psíquico como resultante dessa oposição. Na primeira teoria, a oposição central é entre pulsões sexuais e do eu, e na segunda, entre pulsões de vida (englobando essas duas categorias) e pulsão de morte.

Este dualismo nada tem a ver, entretanto, com o dualismo a respeito da relação mente-corpo ou espírito-matéria (Gomes, 1998).

Quanto à relação com o biológico, ambas vêem as pulsões como fortemente alicerçadas no nível orgânico da vida. Na primeira teoria, a fonte somática e o alvo último da satisfação mostram as pulsões, tanto de autoconservação quanto sexuais, como profundamente dependentes de fenômenos biológicos. Na segunda, as pulsões são tendências gerais da própria matéria orgânica, que se refletem na vida psíquica.

Ao se aprofundar no estudo das pulsões, a teoria freudiana coloca-se na fronteira de outros campos do conhecimento. Freud, aliás, expressou mais de uma vez a esperança de que uma contribuição maior para o conhecimento das pulsões pudesse vir de outras áreas do conhecimento, e especificamente, das ciências biológicas (Freud, 1915/1982a, p. 87; 1920/1982, p. 254).

Isto não implica, entretanto, em reducionismo, pois o que vai ocorrer com estas forças na vida psíquica dependerá do que se passa ao nível psíquico, e em especial, do trabalho realizado ao nível dos desejos e das fantasias inconscientes.

## Referências

- Amacher, P. (1965) Freud's Neurological Education and its Influence on Psychoanalytic Theory. *Psychological Issues*, vol. IV, nº 4. Nova York: International Universities Press.
- Bettelheim, B. (1982) *Freud e a Alma Humana*. (A. Cabral, Trad.) São Paulo: Cultrix.
- Duden/Langenscheidt (1986) *Deutsches Lernwörterbuch*. Berlin: Langenscheidt.
- Fichte, J.G. (1990) Les principes de la Doctrine de la Science. Em *Œuvres choisies de Philosophie Première: Doctrine de la Science (1794-1797)*. (A. Philonenko, Trad.). Paris: Vrin. (Trabalho originalmente publicado em 1794)
- Freud, S. (1975) Entwurf einer Psychologie. Em M. Bonaparte, A. Freud e E. Kris (Orgs.), *Aus den Anfängen der Psychoanalyse*. Frankfurt am Main: Fischer. (Trabalho escrito em 1895)
- Freud, S. (1982) Die Traumdeutung. Em *Studienausgabe*, vol. II. Frankfurt am Main: Fischer. (Trabalho originalmente publicado em 1900)
- Freud, S. (1953). Three essays on the Theory of Sexuality. Em *Standard Edition*, 7. Londres : Hogarth. (Trabalho originalmente publicado em 1905)
- Freud, S. (1957) The psycho-analytic view of psychogenic disturbance of vision. Em *Standard Edition*, vol. 11. Londres: Hogarth. (Trabalho originalmente publicado em 1910)
- Freud, S. (1982). Zur Einführung des Narzissmus. Em *Studienausgabe*, vol. III. Frankfurt am Main: Fischer. (Trabalho originalmente publicado em 1914)
- Freud, S. (1982a) Triebe und Triebchicksale. Em *Studienausgabe*, vol. III. Frankfurt am Main: Fischer. (Trabalho originalmente publicado em 1915)
- Freud, S. (1982b) Das Unbewusste. Em *Studienausgabe*, vol. III. Frankfurt am Main: Fischer. (Trabalho originalmente publicado em 1915)
- Freud, S. (1963) Introductory Lectures on Psycho-Analysis. Em *Standard Edition*, vol. 16. Londres: Hogarth. (Trabalho originalmente publicado em 1917)
- Freud, S. (1955) From the History of an Infantile Neurosis. Em *Standard Edition*, vol. 17. Londres: Hogarth. (Trabalho originalmente publicado em 1918)
- Freud, S. (1982) Jenseits des Lustsprinzips. Em *Studienausgabe*, vol. III. Frankfurt am Main: Fischer. (Trabalho originalmente publicado em 1920)
- Freud, S. (1982) Massenpsychologie und Ichanalyse. Em *Studienausgabe*, vol. IX. Frankfurt am Main: Fischer. (Trabalho originalmente publicado em 1921)
- Freud, S. (1955) Two Encyclopaedia Articles. Em *Standard Edition*, vol. 18. Londres: Hogarth. (Trabalho originalmente publicado em 1923)
- Freud, S. (1959) Inhibitions, Symptoms and Anxiety. Em *Standard Edition*, vol. 20. Londres: Hogarth. (Trabalho originalmente publicado em 1926)
- Freud, S. (1964) New Introductory Lectures on Psycho-Analysis. Em *Standard Edition*, vol. 22. Londres: Hogarth. (Trabalho originalmente publicado em 1933)
- Freud, S. (1941) Abriss der Psychoanalyse. Em *Gesammelte Werke*, vol. 17. Frankfurt am Main: Fischer. (Trabalho originalmente publicado em 1938)
- Freud, S. (1964) Moses and Monotheism: Three Essays. Em *Standard Edition*, vol. 23. Londres: Hogarth. (Trabalho originalmente publicado em 1939)
- Gomes, G. (1998). *Contribution à la théorie de la conscience, conçue comme activité du cerveau*. Tese de doutorado, Université Paris 7, Paris, França.
- Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (1967/1970) *Vocabulário da Psicanálise*. (P. Tamen, Trad.). Santos, SP: Martins Fontes.

Recebido em 25.09.2001

Aceito em 08.02.2002 ■